

Os tortuosos caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade

Wanda Deifelt

Resumo: A autora começa perguntando por uma compulsoriedade adquirida historicamente pela heterossexualidade e seus motivos. Constatando que as rejeições mais fortes à homossexualidade baseiam-se em textos bíblicos, procede a uma análise histórico-teológica dos textos do Antigo e Novo Testamentos mais utilizados para isso. Encerra suas reflexões com dois conjuntos de considerações: sobre a Igreja como espaço de inclusão, a partir da palavra batismal de Gl 3.27-28; e sobre a homossexualidade como questionamento da ética sexual normativa, reivindicando um método ético participativo baseado em valores que em boa medida transcendem um heterossexismo rigidamente definido.

Palavras-chave: homossexualidade, heterossexualidade, homossexualidade na Bíblia, Igreja e homossexualidade, homossexualidade e ética.

Resumen: La autora comienza preguntando por una compulsoriedad adquirida históricamente por la heterossexualidad y sus motivos. Constatando que el rechazo más fuerte a la homosexualidad se basa en textos bíblicos, procede a un análisis histórico-teológico de los textos del Antiguo y Nuevo Testamentos más utilizados para eso. Encierra sus reflexiones con dos conjuntos de consideraciones: sobre la Iglesia como espacio de inclusión, a partir de la palabra bautismal de Gal 3.27-28; y sobre la homosexualidad como cuestionamiento de la ética sexual normativa, reivindicando un método ético participativo basado en valores que en buena medida trascienden un heterossexismo rigidamente definido.

Palabras-clave: homosexualidad, heterossexualidad, homosexualidad en la Biblia, Iglesia y homosexualidad, homosexualidad y ética.

Abstract: The author begins by questioning a historically acquired compulsiveness for heterossexuality and its motives. Noting that the strongest rejections of homosexuality are based on biblical texts, she proceeds to a historical-theological analysis of the Old and New Testament texts most used for this. She ends her reflections with two sets of considerations: about the Church as a space for inclusiveness through the baptismal word of Gal 3:27-28; and about homosexuality as a questioning of the normative sexual ethics, asserting the need for a participative ethical method based on values that basically transcend a rigidly defined heterossexuality.

Key words: homosexuality, heterossexualidad, homosexuality in the Bible, Church and homosexuality, homosexuality and ethics.

O amor me envergonha.
Da geração da cachaça,
do é ou não é,
do casa ou vai pro convento,
não posso ser *gay* e dizer: depende,
vou ver, vou tratar do meu caso.

Sei agora, a duras penas,
por que os santos levitam.
Sem o corpo a alma de um homem não goza.
Por isto Cristo sofreu no corpo a Sua paixão,
adoro Cristo na cruz.

(Adélia Prado, A terceira via)¹

Heterossexualidade compulsória?

Durante todos os períodos da história constata-se a existência de práticas homossexuais, ou seja, atração sexual por pessoa do mesmo sexo. De um modo ou de outro, a tendência “natural” da heterossexualidade, da atração de um sexo pelo outro, parece não corresponder sempre à norma. Será possível que a homossexualidade fosse sempre cunhada como “desvio de comportamento”? Da antropologia, psicologia e também da teologia vêm tentativas de fornecer explicações para os comportamentos considerados diferentes com relação à sexualidade e, às vezes, apresentar propostas de corretivo. De modo geral, o argumento principal para tachar um comportamento como normal e outro como anormal vem da natureza, em especial do ciclo da reprodução humana. Duas pessoas do mesmo sexo não podem se reproduzir, o que seria antinatural e, portanto, um comportamento incorreto.

No entanto, há registros de outras épocas em que a homossexualidade não era vista necessariamente como algo abominável, em especial entre os homens. Nos textos gregos e romanos a homossexualidade masculina é tida como natural. “Dependendo do gosto, cada um optava pelas mulheres, os mancebos; ou umas e outros. Virgílio tinha predileção exclusiva pelos mancebos; o imperador Cláudio pelas mulheres; Horácio repete que adora ambos os sexos.”² Mas também neste contexto o papel ativo e passivo era nitidamente delimitado. As mulheres e os escravos eram sempre passivos, ao passo que os homens livres (cidadãos) eram sempre ativos na relação sexual. O lesbianismo era considerado contra a natureza, pois não poderia haver sexo entre mulheres. Também era considerado inaceitável que um homem fosse penetrado por seu escravo, pois poderia ser desprezado por alguém que lhe era inferior.

A homossexualidade entre os gregos e os romanos é imaginada como uma oportunidade de libertinagem, o que não é bem o caso. Lendo alguns dos clássicos

vemos que certos filósofos propõem a homossexualidade como alternativa de um relacionamento entre seres iguais. Mulheres, escravos e bárbaros eram considerados inalteravelmente diferentes e inferiores³. Por isto, era menos perigoso que o homem perdesse sua energia vital com alguém que lhe era igual. O código de conduta para os jovens de elite era o de estadista romano. A raiva, e não a paixão sexual, preocupava os mentores de classe alta. Domínio, autocontrole, disciplina deveriam ser suas características. Sexo entre homens e mulheres deveria visar somente a procriação, inclusive com recomendações de que o casal deveria dar tudo de si para liberar a semente masculina e assegurar a procriação. O resto eram atos gratuitos e deveriam ser evitados, pois, de acordo com a mentalidade da época, o orgasmo se assemelhava à raiva e o homem não tinha mais controle sobre si⁴. Fazer o que a mente mandasse, e não o que o corpo desejasse, era o ideal dos filósofos.

Partimos do pressuposto de que a heterossexualidade, o relacionamento entre sexos opostos, seja normativa e natural. Em nossos tempos, a heterossexualidade também é sinônimo de harmonia conjugal. Mas uma releitura da filosofia nos mostra que a heterossexualidade está, na verdade, profundamente marcada por imposições culturais. Plutarco escrevia (em 100 d.C.), em seus *Preceitos conjugais*, que o marido deveria ser um mentor filosófico para a esposa. Acreditava que as mulheres eram seres intratáveis, mas, se deixadas por conta, conceberiam idéias impróprias e emoções vis⁵. Se para os homens a companhia das mulheres era como a de um ser dependente e inferior, as mulheres não poderiam jamais ter uma relação de parceria com um homem, se bem que o ideal de casamento promulgado por Agostinho (como uma boa amizade) pudesse propor tal companheirismo. Mas as mulheres, na companhia dos homens, jamais foram vistas como iguais, com respeito e dignidade. O relacionamento de iguais só poderia acontecer entre homens, cidadãos livres.

Em seu artigo *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*, de 1980, Adrienne Rich também questiona certos valores tidos como normativos. Entre eles está a heterossexualidade. Para as mulheres, a heterossexualidade seria uma dentre as muitas maneiras de domínio dos homens sobre as mulheres. É justamente na heterossexualidade que se percebem as maiores violências e atrocidades sexuais contra as mulheres: estupro, mutilação genital, cintos de castidade, infibulação, morte por questões de honra, incesto, dietas para se adequar a um ideal masculino de beleza, maternidade obrigatória, esterilização, uso de métodos contraceptivos que são falhos, ou têm efeitos colaterais, ou são incômodos, prostituição, doenças sexualmente transmissíveis, incluindo AIDS, pornografia, consumismo baseado no uso do corpo da mulher para vender qualquer coisa. Para Adrienne Rich, os principais problemas que as mulheres enfrentam atualmente são causados pela heterossexualidade compulsória⁶. Em outras palavras, a mulher continua sendo definida pelo homem e o que lhe dá prazer, tornando-a mero objeto e receptáculo do sêmen masculino.

Esta introdução ao assunto mostra a necessidade de problematizar a normalidade e normatividade dos nossos comportamentos sexuais. A homossexualidade nem sempre é sinônimo de libertinagem e a heterossexualidade nem sempre é sinônimo de relacionamento harmonioso. Estes são dois exemplos que relativizam os nossos pressupostos absolutos. Se a nossa posição é definir, *a priori*, uma atitude como certa e outra como errada, então não há como engendrar diálogo nem perceber qualquer possibilidade de respeito à posição do outro ou revisar as nossas próprias posturas. Acusar a homossexualidade de pecado, sem ver os pecados da heterossexualidade, é esquivar-se de responsabilidade ética. Há que ter muita cautela em identificar o absoluto do pecado no outro, em quem é diferente, e não identificar o seu próprio pecado de autojustificação.

Fundamentalismo bíblico

As afirmações mais categóricas, rejeitando a homossexualidade e identificando-a como pecaminosa, estão baseadas em textos bíblicos. Bíblia e homossexualidade parecem ser, à primeira vista, excludentes. Esta postura pode ser assim resumida: “Somente quando a Palavra de Deus não é levada a sério é que o homossexualismo deixa de ser pecado. Porque *é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que encontrar respaldo bíblico para o homossexualismo.*”⁷ O propósito deste artigo não é o de encontrar justificativas bíblicas para qualquer comportamento sexual (homo ou heterossexual), mas compreender os textos bíblicos relacionados ao tema e, especialmente, apontar para o tipo de interpretações que são feitas a partir destes textos.

Se imaginarmos que a expectativa de vida, em tempos bíblicos, girava em torno de 25 anos, e que a morte era uma realidade constante no cotidiano das pessoas, pode-se entender facilmente a preocupação que as pessoas tinham com a continuidade da espécie. Cada mulher deveria ter no mínimo cinco crianças para que a população permanecesse estacionária⁸. Reproduzir-se, povoar a terra, ter uma grande descendência são palavras de bênção dadas ao primeiro casal em Gênesis 1.28 e são repetidas em momentos cruciais na história de Israel, especialmente com relação aos patriarcas. De fato, com um alto índice de mortalidade, boa parte da energia era dedicada à reprodução, ou seja, à reposição dos mortos. A condenação da homossexualidade deve ser entendida neste contexto.

O legado bíblico não tem como preocupação primeira a elaboração de um código de comportamento sexual. As informações que aparecem acerca dos relacionamentos humanos estão cultural e historicamente localizadas. Aparecem com a mesma frequência como outros aspectos da vida das pessoas: o comércio, as relações familiares, as questões políticas, etc. No entanto, não é possível negar que haja passagens bíblicas que fazem referência à homossexualidade e outras que são usadas frequentemente na discussão acerca deste tópico: Gn 1.27-28 e 2.18-25

(relato de criação do casal primordial), Gn 19 (Sodoma e Gomorra), Lv 18.22 e 20.23 (preceitos referentes à moral sexual, tirados do Código de Santidade), Dt 23.17 (uma proibição para que os “filhos de Israel” não se tornem prostitutas do templo), 1 Rs 14.24; 15.12; 22.47; 2 Rs 23.7 (diferentes relatos sobre a instalação e a proibição da prostituição no templo), Rm 1.18-32 (alerta que “malfeitores” não herdarão o Reino), 1 Co 6.9-11 (uma lista de pessoas que não herdarão o reino de Deus), Ef 5.33 (como deve ser a relação matrimonial) e Jd 7 (referência a Sodoma e Gomorra).

Apesar de todas essas passagens serem frequentemente mencionadas na discussão, apenas quatro fazem referência explícita a relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Naturalmente não se emprega a palavra “homossexual”, porque este termo só foi cunhado recentemente (em 1869)⁹. Trata-se dos textos de Gênesis, Levítico, Romanos e 1 Coríntios. Todas essas passagens bíblicas mereceriam atenção exegética especial neste artigo para que realmente se pudesse avaliar o texto em seu contexto, mas isto não é possível neste espaço.

A passagem de Gn 19 relata o incidente de Ló, esposa e duas filhas. Mais do que tratar da assim chamada perversão sexual dos habitantes de Sodoma e Gomorra, a história enfatiza a importância da hospitalidade. Dois anjos vêm a Sodoma e lá são acolhidos por Ló. Porém, antes de se deitarem, os homens da cidade ameaçam entrar na casa para abusarem dos visitantes. Ao que Ló, saindo da casa, propõe uma troca: “Rogo-vos, meus irmãos, que não façais mal; tenho duas filhas, virgens, eu vo-las trarei; tratai-as como vos parecer, porém nada façais a estes homens, porquanto se acham sob a proteção de meu teto.” (Gn 19.7-8.) Por intervenção dos anjos os homens ficam cegos e não conseguem achar a porta para arrombá-la. Ló e sua família são salvos porque cumprem a norma da hospitalidade. Mas, na hora da fuga, sua esposa olha para trás, e transforma-se em uma coluna de sal.

Atualmente a palavra “sodomia” está enraizada no que chamamos de pecados sexuais cometidos na época de Sodoma. Porém mesmo entre autores bíblicos há diferentes interpretações da punição contra os habitantes dessa cidade. Entre os profetas, Ezequiel, por exemplo, diz que Sodoma foi destruída porque tinha riqueza e alimento em abundância, conforto e bem-estar, mas sua população nunca ajudava os pobres e desgraçados. Entre escritores contemporâneos, muitos comentaristas concordam que o pecado de Sodoma não teria sido a homossexualidade em si, mas o estupro em massa de dois anjos. O texto menciona que todos os homens da cidade intentavam atacar os visitantes, não explicitando se tinham tendência homossexual. “Trata-se menos ainda de uma relação de consentimento mútuo, mas de uma violação de duas pessoas por uma multidão. Semelhante estupro em massa é condenado por toda e qualquer religião e por todo e qualquer código moral conhecido.”¹⁰

Um comentário pessoal, que advém de uma hermenêutica da suspeita, é sobre o uso que foi feito dessa passagem na tradição da igreja. O texto foi

interpretado como condenação divina da homossexualidade. O mesmo tipo de leitura — de que houvesse uma condenação divina — nunca foi feito com relação a Ló, por oferecer suas filhas para serem estupradas em massa; ao fato de as mulheres e crianças da cidade terem sido sacrificadas junto com os homens de Sodoma (mesmo que não estivessem presentes na ameaça de estupro feita aos visitantes); ou à relação sexual incestuosa entre Ló e suas duas filhas. Aliás, comentaristas têm um certo grau de “compreensão” para com o incesto (a relação sexual entre o pai e as filhas) primeiro porque ele estaria embriagado e, segundo, porque as próprias filhas teriam querido preservar a continuidade da espécie, garantindo a procriação”. Confesso, no entanto, não ter visto da parte das igrejas o mesmo tipo de preocupação com relação ao estupro de mulheres como com relação à homossexualidade. O que Ló propõe em Gn 19 é concretizado em Jz 19, onde uma mulher é estuprada por um grupo de homens para salvar um hóspede. Por que a violência contra as mulheres não causa o mesmo furor que o debate sobre a homossexualidade?

Um segundo texto que merece atenção é o de Levítico 18.22 (“Com homem não te deitarás, como se fosse mulher: é abominação”). O texto não proíbe que mulheres deem com outras mulheres, mas não alardeia tal comportamento. Será por que a concepção de sexualidade passa pelo masculino e sexo só poderia acontecer envolvendo um homem? Assim estaria-se preconizando a idéia de que a mulher é um mero receptáculo para a semente masculina, na qual se desenvolve uma nova vida (como diria Aristóteles). Ou será que, no afã de crescimento e reposição de vidas, a relação sexual entre homens implicaria um desperdício de sementes e deveria, portanto, ser considerada pecaminosa? Mais uma vez, é impossível deixar de constatar que, dentro da seqüência de proibições que o texto promulga, uma proibição é enfatizada sobre as demais: relações sexuais com uma mulher menstruada, adultério, relações sexuais com animais são outras práticas mencionadas. Estas práticas estão acontecendo no povo de Israel, ou por que então seria necessário proibi-las? Outras partes de Levítico fazem proibições igualmente relevantes, mas que são completamente ignoradas por nós: comer carne contendo sangue, usar roupa feita de dois tipos diferentes de material, ou designar para o sacerdócio quem é portador de alguma deficiência. Tudo isto é proibido, mas é ignorado. Por que somos seletivos no que consideramos como autoridade divina ou não? A influência cultural, principalmente da parte de quem lê e interpreta o texto, parece pesar mais do que o versículo proibitivo em si.

Fortemente influenciado pela cultura, e escrevendo contra as práticas culturais de sua época, o apóstolo Paulo apresenta duas passagens seguidamente mencionadas na discussão sobre homossexualidade (1 Co 6.9-11 e Rm 1.18-32). A passagem de 1 Coríntios 6, especialmente os versos 9 e 10, oferece uma lista de pessoas que não herdarão o reino de Deus: impuros, idólatras, adúlteros, ladrões, avarentos, bêbados. No v. 9 estão incluídos “efeminados e sodomitas”, que a tradição entendeu como sendo homossexuais. Nesta listagem faz-se a mesma leitura que

em Levítico: diferentes práticas são colocadas no mesmo patamar, e, em interpretações posteriores, alguns aspectos são pinçados para fundamentar uma determinada conduta moral. As mesmas pessoas que atribuiriam um caráter de autoridade divina à exclusão de homossexuais do reino de Deus não aceitariam a exclusão de outros (listados no mesmo texto). A partir dessa passagem consegue-se entender em que categoria Paulo coloca a homossexualidade. Ele não tem a compreensão contemporânea de homossexualidade como uma orientação ou preferência inata a homens e mulheres, que determina a sua atividade sexual. Paulo identifica a homossexualidade como um comportamento desviante, volitivo, sobre o qual o ser humano teria controle: assim como adultério, avareza, roubo, bebida, etc. Para Paulo seria tão fácil deixar de ser homossexual como deixar de ser pão-duro — uma questão de mudança de hábitos. A compreensão moderna de homossexualidade difere da de Paulo não especificamente no comportamento em si, mas no que consiste a homossexualidade, ou seja, se se trata de uma característica inerente ao ser humano ou se é um comportamento “adquirido”¹².

A passagem de Romanos 1.26-27 faz referência à homossexualidade feminina e masculina: “(...) as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens (...)” A insistência com que Paulo se refere à natureza em dois versículos realmente chama a atenção e revela onde ele busca argumentação para considerar a prática homossexual como “erro” (v. 27). Paulo, influenciado pela cosmovisão grega, compreende que o ser humano se apresenta de duas maneiras: ou masculino, ou feminino. E, de acordo com a natureza, cada qual age de uma maneira predeterminada. Pela natureza, as mulheres eram colocadas do lado do irracional, do silêncio, do mundo doméstico e do corpo. Eram passivas. Os homens, por outro lado, eram identificados com a razão, a cultura, o mundo público e a mente. Eram considerados ativos. É a confusão entre as atribuições de um e de outro, que supostamente seriam ditadas pela natureza (não pela cultura), que faz Paulo identificar a homossexualidade como um erro?

A nós cabe a pergunta pelos critérios bíblicos que elegemos aceitar com relação à sexualidade. A Bíblia, em última instância, não oferece um manual de ética sexual. Uma leitura superficial poderia até revelar que a Bíblia estimula atitudes contraditórias com relação à sexualidade:

Nos Evangelhos há “um elogio do casamento, desde que monogâmico e indissolúvel. Daí vem a condenação do adultério (Mateus 5.23) e do divórcio assimilado ao adultério (Mateus 19.2-12; Marcos 10.2-12; Lucas 16.18)”. Em seguida vem Paulo com seu apelo à virgindade e à continência em respeito ao corpo que é “templo do Espírito Santo” (1 Co 6.19). Paulo vive na esperança iminente da parúsia, por isso insiste na pureza espiritual que pode ser violada pela impureza da carne. Ele exorta os cristãos de Corinto a manterem-se castos, virgens, viúvos ou celibatários.¹³

O uso de textos bíblicos isolados para proibir e condenar a homossexualidade

deveria ser visto, no mínimo, com suspeita. Até que ponto os textos refletem a cultura de sua época, os preceitos morais e os interesses políticos e econômicos de seu contexto são aspectos que deveriam sempre ser levantados. E termina-se com a constatação de que não existe palavra condenatória da parte de Jesus proibindo, condenando ou classificando como pecaminosa a atividade homossexual. É um silêncio bastante audível. O que se aprende com Jesus é o dismantelamento de um sistema legalista em função de uma proposta mais humana, que se concretizou na identificação de Jesus com prostitutas, publicanos, doentes e deficientes, pessoas marginalizadas e pobres. Em seu ministério, ele afirmou a dignidade humana, identificando até mesmo uma mulher portadora de deficiência como “filha de Abraão”. “É o sentido de que Deus toma o partido dos destituídos, Deus liberta os oprimidos. Deus sofre com os que sofrem e geme pela reconciliação de todas as coisas. À luz desta compaixão suprema, qualquer que seja a nossa posição sobre os gays, o imperativo evangélico do amor, da preocupação e identificação com os seus sofrimentos é irrefutavelmente claro.”¹⁴ Todas as criaturas são feitas à imagem de Deus e merecem viver com respeito e dignidade, independentemente de nacionalidade, classe, credo, cor ou preferência sexual.

A Igreja como espaço de inclusão

Quando as primeiras comunidades cristãs repetiam a fórmula batismal anotada por Paulo em Gálatas 3.27-28, afirmavam que no espaço da Igreja as desigualdades e diferenças estabelecidas pela sociedade não prevaleceriam. Assim proclamavam: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes. Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo.” A concepção eclesiológica é que o espaço do cristianismo é antagônico às discrepâncias sociais. Por isto é um espaço frágil. Mas, paulatinamente, a boa notícia foi se intitucionalizando. Surgiu a constatação de que a Igreja também necessita de estruturas que mantenham, sustentem e lhe dêem o respaldo necessário para poder funcionar. Assim, há uma tensão entre a Igreja como um espaço de inclusão, por um lado, e como instituição que busca sua sobrevivência e manutenção, por outro lado.

É necessário reconhecer que há uma diferença entre o que a Igreja deveria ser e o que ela é, precisamente devido à tensão entre duas forças antagônicas que coabitam nela: a tentação da adaptação e o impulso da ruptura. A tentação da Igreja, como instituição que busca se manter, é evitar assuntos polêmicos e conflituosos. Por outro lado, o impulso da ruptura chama à coerência com a mensagem original, de não-conformidade com os padrões impostos por este mundo e de ser uma comunidade participativa, aberta para todas as pessoas. Em última análise, a Igreja não luta com o mundo, mas consigo mesma, perguntando a que voz deverá escutar. Talvez Lutero não tenha pensado exatamente nesta possibili-

dade quando falava da *ecclesia semper reformanda*, mas ele revela a tensão existente dentro da Igreja, que se pergunta qual dentre as opiniões deve ser acatada, em que direção deve se mover.

A discussão sobre a homossexualidade, dentro do âmbito eclesiástico, reflete essa tensão. Sua resposta não pode ser categórica nem definitiva, porque a própria Igreja precisa auscultar o seu contexto e manter sua fidelidade evangélica. A inovação de Lutero, ele próprio considerado um pensador moderno, estabeleceu não só uma nova compreensão eclesiológica — a Igreja como comunhão dos santos —, mas também uma nova compreensão antropológica — o ser humano como simultaneamente justo e pecador. Mesmo Deus não pode ser entendido na certeza, mas no revés, na obscuridade, no anonimato, de modo mascarado e velado. A Igreja não pode se assegurar no absoluto, porque não o tem. Ela, como comunidade batizada e confessante, vive entre o *já agora* e o *ainda não*. “A Igreja como espaço limítrofe entre ruptura e continuidade, entre a utopia e o lugar, entre o cosmo e a revelação vive assim seu caráter *sacramental* (...).”¹⁵

Alan A. Brash, em seu livro *Encarando nossas diferenças*, mostra que dentro das igrejas a homossexualidade começa a ser discutida, mas ainda de maneira bastante incipiente. A primeira reação é de condenação: a Bíblia, em diversas passagens, condena a homossexualidade. No entanto, após analisar diversas dessas passagens, ele conclui: “O que está em jogo não é só a forma como a Escritura deve ser interpretada, mas a própria natureza da Igreja. Este é o pano de fundo teológico de um debate focalizado sobre mais outra preocupação básica de todos os cristãos: uma profunda questão de justiça a ser feita em nome de Cristo.”¹⁶ Portanto, a homossexualidade não é somente um item a mais na lista de proibições (como se trataria a masturbação, sexo antes do casamento, relações extraconjugais, etc.). Também *gays* e *lésbicas* são vistos como um “campo missionário” em potencial, onde as igrejas poderiam converter as almas e trazer pecadores de volta ao rebanho. Esta não é a idéia que Brash defende.

Tradicionalmente, no âmbito das igrejas, há duas atitudes bastante corriqueiras com relação à homossexualidade. Uma é a de ignorar que há homens *gays* e mulheres *lésbicas* dentro do espaço das igrejas, assim como há na sociedade. É a típica postura do “não se ouve, não se vê e não se fala”. Outra posição é a de complacência com a pessoa que é homossexual: a pessoa é aceita, mas não a sua preferência sexual ou sua opção de viver a sua sexualidade. Se o critério de justiça prevalece, então a Igreja como um espaço de inclusão para homossexuais é um testemunho de que o amor de Deus se estende a todas as pessoas, indistintamente. Fazem parte da Igreja não só as pessoas que têm notoriedade, mas há lugar também para aquelas que não são aceitas.

É neste espaço limítrofe que cumpre também sua função querigmática oferecendo-se como meio no qual ressoam os gritos e os silêncios que vão formando palavras nas quais habita a Palavra. Por isto não falemos da Igreja como depósito da fé e de seus conteúdos, mas apenas como a congregação dos santos-pecadores que formam

o espaço no qual a fé organiza a esperança, onde se celebra a insurgência dos poderes na fraqueza.¹⁷

A partir do sacerdócio geral de todas as pessoas que crêem pode-se falar também do ministério de gays e lésbicas. Todas as pessoas batizadas são recebidas no corpo de Cristo. A fórmula batismal de Gálatas 3.27-28 promulga que todas as pessoas têm o mesmo valor, mesmo que a sociedade diga o contrário. Pelo batismo, somos corpo de Cristo e, individualmente, membros deste corpo (Rm 12.27). Há diferentes dons, diferentes tarefas e diferentes ministérios. Nada impede, teórica e teologicamente, que uma pessoa possa exercer qualquer um deles. Ministério é um serviço, não um exercício de poder e hierarquia. A participação de pessoas homossexuais no ministério ordenado não poderia ser questionada, tendo como base justamente os dons do Espírito, aos quais Paulo se refere em Coríntios.

Pessoas homossexuais são imagem de Deus. Pela fé Ele declara justas todas as pessoas, não por causa da mudança de suas atitudes, mas por causa da obra de Cristo (Ef 2.5; 2 Co 3.5). A santificação de toda criatura de Deus é total porque Cristo cumpriu todas as vontades de Deus. Através de Cristo todas as pessoas cristãs que crêem são santas e justas para Deus. É importante para Deus e para as suas criaturas homossexuais santas e justas que a Igreja reconheça este dom nelas.¹⁸

Se a homossexualidade é uma característica intrínseca do ser, não simplesmente um comportamento (atitude), ela deve ser aceita como parte da criação de Deus. E se o Espírito sopra onde e quando quer, também chama todas as pessoas indistintamente. Isto se aplica a homens, mulheres, descendentes de europeus, africanos ou indígenas, independentemente de preferência sexual, classe social, situação cultural, etc. Deus trabalha de maneira misteriosa. As igrejas, no entanto, nem sempre conseguem fazer esse salto e acabam se atendo mais às normas e aos padrões de comportamento sociais do que à agilidade do Espírito Santo.

A homossexualidade como questionamento da ética sexual normativa

No início deste texto indiquei uma poesia de Adélia Prado, precedida do título “Os tortuosos caminhos de Deus”. Imagino que muitas pessoas, ao lerem o título, tenham ponderado a quem os tortuosos caminhos de Deus se referiam: às pessoas homossexuais, por terem que viver na clandestinidade em muitos contextos, em grande parte também dentro das igrejas? Pouco se sabe sobre as perseguições sofridas por homossexuais ainda neste século. Durante o período nazista, por exemplo, homossexuais (homens e mulheres) eram enviados a campos de concentração. Assim como a estrela de Davi era usada para identificar o povo judeu, um triângulo invertido, rosa, identificava gays e lésbicas. Muitos homossexuais foram executados. Que voltas e curvas há neste caminho entre o chamado vocacional e a coerência com os padrões de comportamento esperados? Não posso falar da

tortuosidade desse caminho porque não é minha experiência. Penso, antes, na tortuosidade que a homossexualidade coloca a nós que somos heterossexuais, num convite a revisarmos certos comportamentos que supomos serem a norma, ao passo que tudo que cai fora desta norma é considerado comportamento desviante.

Em uma pesquisa apresentada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, no início de 1998, há indicações importantes sobre a maneira como a sexualidade é entendida no Brasil. Apesar de a maioria das pessoas entrevistadas se considerarem liberadas com relação ao sexo, a homossexualidade continua sendo um grande tabu¹⁹. A união civil entre pessoas do mesmo sexo foi desaprovada por 54%, contra 37% que a aprovaram. 71% dos homens e 78% das mulheres afirmaram nunca terem tido relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. 14% dos homens e 5% das mulheres já tiveram relações homossexuais. Chama a atenção o número expressivo de pessoas (15% dos homens e 17% das mulheres) que preferiu não responder a pergunta. A homossexualidade continua sendo tabu — as pessoas preferem não falar sobre o assunto —, mesmo que a população se considere sexualmente liberada.

A compreensão moral da sexualidade em muito contribui para a aceitação da homossexualidade nas igrejas e na sociedade. Alguns segmentos parecem ser mais tolerantes para com a homossexualidade do que outros. Assim, a mesma pesquisa mostra que 60% de espíritas kardecistas são a favor da legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo, em comparação com 38% de católicos que são a favor e 52% contra. Os evangélicos são os mais radicalmente contra: 78% dos evangélicos pentecostais e 79% dos evangélicos não-pentecostais são contra a união homossexual. Este dado chama a atenção justamente no contexto da publicação da revista *Vinde*, que põe em evidência a atuação ministerial de pastores *gays* dentro de igrejas evangélicas, mostrando um descompasso entre a crença moral e a realidade circundante²⁰.

Dentro das igrejas carecemos de uma discussão séria sobre a homossexualidade. No entanto, ao discutir a homossexualidade deveríamos nos perguntar sobre a ética sexual de um modo mais abrangente. Dentro do feminismo se tratou de denunciar que muitos dos assim chamados padrões normais de comportamento nada mais eram do que a imposição da vontade de alguns em detrimento de outras. Violência, abuso físico, incesto, estupro e mutilação do corpo das mulheres foram tolerados em nome da heterossexualidade. Talvez possamos aprender algo sobre a sexualidade humana a partir do questionamento que a homossexualidade nos traz. Se deixarmos de ver a heterossexualidade como norma absoluta e encararmos a homossexualidade como uma expressão legítima da sexualidade humana, vamos ter a oportunidade de dialogar sobre os valores que guiam nossas atitudes com relação ao sexo, ao relacionamento humano, à atuação em comunidade, etc.

Certos valores que tomamos como pressupostos básicos para um relacionamento com outras pessoas não são prerrogativa do heterossexismo: fidelidade, mutualidade, compromisso, respeito, prazer, segurança, precaução contra doenças, estabilidade, amizade, intimidade, reciprocidade, etc. Se aceitamos que estes valo-

res são encontrados também em relacionamentos homossexuais, podemos pensar em uma ética sexual compartilhada entre pessoas, independentemente de sua preferência sexual. Ao invés de apontar o dedo acusatoriamente, talvez aprendêssemos mais a partir do convívio e da abertura para a aceitação das pessoas que são diferentes de nós.

Podemos então todos nós trabalhar por um método ético participativo, que nos auxilie a ouvir as pessoas em seus próprios termos, animá-las a colocar suas próprias perguntas e assim restituir-lhes o seu poder. Isto há de conferir um novo sentido e um novo conteúdo a uma vida moral bem vivida.²¹

Com relação à sexualidade, a homossexualidade não é nem melhor nem pior do que a heterossexualidade, mas é diferente. Se levarmos a sério nosso compromisso com a qualidade dos relacionamentos humanos, não estaremos instituindo padrões de normalidade sexual, mas estabelecendo critérios de relacionamentos considerados aceitáveis eticamente a partir dos valores que promulgam. São critérios baseados no amor, na aceitação, no crescimento humano, na reciprocidade, no consentimento mútuo, na auto-estima, na justiça, no estabelecimento de relações interpessoais respeitadas da dignidade do outro e que são prazerosas para ambas as pessoas envolvidas. Se os relacionamentos humanos se norteiam por estes princípios, então valem para todos os tipos de relacionamento, tanto heterossexuais como homossexuais. O critério para a discussão da homossexualidade não pode estar nos condicionamentos culturais, mas nos termos do amor de Cristo, que, na cruz, se revela.

Notas

- 1 Adélia PRADO, *O pelicano*, 2. ed., Rio de Janeiro : Rocco, 1988, p. 52.
- 2 Paul VEYNE, A homossexualidade em Roma, in: *Amor e sexualidade no Ocidente* : edição especial da revista *L'Historie*, Porto Alegre : L&PM, 1992, p. 61-62.
- 3 Peter BROWN, *Corpo e sociedade* : o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo, Rio de Janeiro : Zahar, 1990, p. 18.
- 4 ID., *ibid.*, p. 26.
- 5 Sarcófagos dos sécs. II e III na Itália e na Ásia Menor mostram homens ensinando suas esposas.
- 6 Adrienne RICH, *Blood, Bread and Poetry* : Selected Prose 1979-1985, New York : Norton, 1986, p. 36-38.
- 7 É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que encontrar respaldo bíblico para o homossexualismo, *Ultimato*, v. 31, n. 254, p. 20, set.-out. 1998.
- 8 Peter BROWN, *op. cit.*, p. 18.
- 9 Theodore ZELDIN, *Uma história íntima da humanidade*, 3. ed., Rio de Janeiro : Record, 1997, p. 116: "A palavra homossexual foi cunhada somente em 1869 (quando Freud tinha treze anos

- de idade) pelo escritor vienense Benkert, na esperança de evitar perseguição ao mostrar que os homossexuais constituíam em verdade um 'terceiro sexo' independentemente de sua vontade e que, por conseguinte, não podiam ser acusados de vício ou crime (...)."
- 10 Alan A. BRASH, *Encarando nossas diferenças* : a Igreja e seus membros homossexuais, São Leopoldo : Sinodal, 1998, p. 59.
- 11 A leviandade com que é visto o estupro de mulheres pode ser detectada nesta passagem: "Percebe-se a degradação extrema daquela sociedade pela maneira como lidavam com o sexo. Não havia mais pejo nem freio. Ló ofereceu suas próprias filhas para serem violentadas, numa tentativa de poupar os anjos. Essas duas moças, pouco mais tarde, não acharam nada demais embebedar o próprio pai e engravidarem-se dele (Gn 19.30-39). A destruição violenta de Sodoma, Gomorra e as demais cidades da campina tomou-se necessária e comprovou o nível de permissividade a que tinham chegado." É mais fácil passar um camelo..., p. 21.
- 12 A compreensão de Paulo infere que o ser humano teria, de fato, controle sobre a homossexualidade, ou seja, que por natureza o instinto seria heterossexual. No entanto, homens e mulheres se engajariam em comportamentos desviantes (que poderiam evitar), assim como se podem evitar a impureza, o roubo, a bebida, a avareza. Para constatar a mudança que houve na compreensão moderna de homossexualidade, somente em 1973 a Associação Psiquiátrica Americana deixou de identificar a homossexualidade como uma doença mental. Marta SUPPLY, *A condição da mulher*, 4. ed., São Paulo : Brasiliense, 1984, p. 83.
- 13 Aneli SCHWARZ, *Buscando por uma ética feminista de libertação sexual*, trabalho de conclusão, São Leopoldo : Faculdade de Teologia, 1994, p. 6.
- 14 Walter WINK, Biblical Perspectives on Homosexuality, *Christian Century*, v. 96, n. 36, p. 1.086, 7 nov. 1979. Cit. ap. Alan A. BRASH, op. cit., p. 72.
- 15 Vítor WESTHELLE, Missão e poder : o Deus abscondito e os poderes insurgentes, *Estudos Teológicos*, v. 31, n. 2, p. 192, 1991.
- 16 Alan A. BRASH, op. cit., p. 86.
- 17 Vítor WESTHELLE, op. cit., p. 192.
- 18 Anete ROESE, "Deus escolheu as cousas loucas... para envergonhar as fortes" : homossexualidade — pesquisa empírica na EST, trabalho de conclusão, São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, out. 1997, p. 46.
- 19 *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 18 jan. 1998.
- 20 Marcos ALMEIDA, Um outro evangelho : comunidade de homossexuais escandaliza a Igreja com ordenação de "pastores", *Vinde*, ago. 1998, p. 36-37.
- 21 Mary HUNT, Transformar a teologia moral (um desafio ético feminista), *Concilium*, 202, n. 6, p. 99, 1985.

Wanda Deifelt
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS